



## O CLÁSSICO E O CONTEMPORÂNEO: POSSIBILIDADES PARA UM ENSINO ESTÉTICO-LITERÁRIO ANTIRRACISTA

Júlia Roll Silva <sup>1</sup>  
Beatriz Moraes de Abreu <sup>2</sup>  
Orivaldo Rocha da Silva <sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho propõe apresentar uma possibilidade de trabalho com um clássico literário em sala de aula, estabelecendo intertextualidades com linguagens contemporâneas, através de leitura e análise da obra *O Navio Negreiro* (Alves, Castro, 1880) em diálogo com a canção *Poco* (Okereke, Tasha e Tracie, 2020), Rap das irmãs gêmeas Tasha e Tracie. A pesquisa traz trechos do poema de Castro Alves (1880) para além do contexto da época e destaca a importância simbólica do mar na composição dos versos. Além disso, por meio da música, discute algumas consequências advindas do processo de escravização e genocídio do povo preto, as quais permeiam o cenário atual. A relação entre o clássico e o contemporâneo apresenta-se, na proposta, como um caminho para conectar o aluno jovem à linguagem do Romantismo com mais facilidade, quebrando algumas barreiras no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de literatura clássica. Baseia-se no Método Receptivo proposto por Bordini e Aguiar (1993) e na Estética da Recepção de Jauss (1967), a fim de mobilizar os alunos a realizarem uma análise estética e crítica do texto poético em questão, sendo capazes de estabelecerem relações com aspectos da contemporaneidade. Desta forma, o presente trabalho visa construir novos conhecimentos e conexões a partir da abordagem crítica sobre a erudição, ao passo que estimula o desenvolvimento de um olhar antirracista.

**Palavras-chave:** Poesia; Música; Educação Antirracista; *O Navio Negreiro*

### ABSTRACT

This work aims to present a possibility of working with a literary classic in the classroom, establishing intertextual connections with contemporary languages through the reading and analysis of the work "*O Navio Negreiro*" (Alves, Castro, 1880) in dialogue with the song "*Poco*" (Okereke, Tasha, and Tracie, 2020), Rap by the twin sisters Tasha and Tracie. The research includes excerpts from Castro Alves' poem (1880) beyond its historical context and highlights the symbolic importance of the sea in the composition of the verses. Furthermore, through the music, it discusses some of the consequences stemming from the process of enslavement and the genocide of Black people, which still permeate the current scenario. The relationship between the classic and the contemporary is presented in this proposal as a way to connect young students to the Romantic language more easily, breaking down some barriers in terms of the teaching and learning process of classical literature. It is based on the Reception Method proposed by Bordini and Aguiar (1993) and Jauss Reception Aesthetics (1967), aiming to mobilize students to conduct an aesthetic and critical analysis of the poetic text in question, enabling them to establish connections with aspects of contemporaneity. Thus, this work seeks to construct new knowledge and connections through a critical approach to erudition while fostering the development of an anti-racist perspective.

**Keywords:** Poetry; Music; Anti-Racist Education; *O Navio Negreiro*

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação – SP, rolljulia3@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestra em Artes da Escola de Artes Célia Helena – SP, beatriz.abreu@sesisp.org.br;

<sup>3</sup> Doutor em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP, orivaldo.silva@sesisp.org.br;



## INTRODUÇÃO

É possível considerar que os professores de Literatura no Brasil têm vivido num paradigma no que diz respeito ao ensino da matéria na educação básica. Segundo a 5ª edição do Retratos da Leitura no Brasil realizada pelo Instituto Pró-Livro (2020) que define leitor como “aquele que leu inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses”, constata-se que o país tem perdido leitores. Preocupantemente, apenas a minoria da população estudante realizou a leitura de livros indicados pela escola, mesmo que apenas trechos deles, o que corrobora para a comparação feita com o restante da população: o público jovem é o que menos lê a bibliografia indicada pela escola. Ainda dentro da pesquisa, alegações como: preferências por outras atividades, falta de paciência, não gostar ou ter dificuldade para realizar são alguns motivos pelos quais o público afirma não realizar leitura. Em contraponto, o consumo de literatura é de extrema relevância por sua ciência ser exigida em grandes vestibulares e ser uma das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), além do capital cultural e outros aspectos sociais e intelectuais que o acesso à essas obras podem proporcionar ao leitor. Ademais, Zilberman (2009) afirma que a questão sobre qual leitura a escola deve estimular é a que permeia a vida docente, afinal, segundo a autora, A ruptura das fronteiras entre o centro e a periferia, o erudito e o popular, entre “alta literatura” e o pop, entre o clássico e o fashion, o rural e o urbano, determinou certa euforia que vigora nos meios tanto acadêmicos, quanto artísticos. A constatação de que tudo é cultura, e de que tudo é válido, alarga as potencialidades de criação e de investigação, de que resulta o bemestar reinante nos segmentos focados nas expressões da arte e do pensamento (p. 4). Sendo assim, com essas potencialidades alargadas, cabe ao professor refazer a questão a si mesmo: que tipo de leitura a escola deve estimular? Basta apegar-se ao “erudito” e clássico sem considerar frutos artísticos da contemporaneidade? Até quando a literatura será um alienígena na escola (ZILBERMAN, 2009, p.15)?

Ainda no cenário escolar, é imprescindível o fato de que a escola, como parte da sociedade, a reflete e apresenta os mesmos problemas como preconceito de gênero, social e racial. Para hooks (2003, p.13), trabalhar por justiça e mudar o sistema escolar é fazer com que os alunos abram suas mentes e sintam-se engajados a estudar de forma crítica, podendo assim, combater os sistemas opressores vigentes. A partir dessas ideias é possível calcular possíveis rotas que conduzam os professores a não só ensinar a Literatura por ela mesma, mas sim, trazer materiais e discussões que tenham conexões com as realidades dos alunos e que opõem pensamentos supremacistas e dominantes.

Um possível caminho seria o hip-hop, movimento que emerge da periferia que possui fortes caráter político e tem ocupado os mais diversos espaços no cenário contemporâneo. Por sua vez, o Trap, (subgênero do RAP), é um exemplo da popularidade do movimento como um dos gêneros mais escutados no Brasil no aplicativo de música Spotify. O crédito a tal feito pode ser dado ao fácil acesso e a linguagem do ritmo que, em grande parte, aproxima o público jovem. Paralelamente, aproximando o pensamento de Hooks (2003) com o Brasil atual, vê-se a necessidade do rompimento de certas barreiras e preconceitos. Dentre eles, pode-se apontar o genocídio preto e indígena, a guerra às drogas, mortes políticas, a tentativa de retirada de direitos de pessoas LGBTQT+, etc. Ora, o RAP como ferramenta “antissistema”, pode ser então, um caminho para que essa luta se estenda também na escola, como uma ponte para outros estilos artísticos e literários.

Considerando os fatos supracitados, foi escolhido para este trabalho, analisar e comparar parte V da obra abolicionista de Castro Alves, Navio Negreiro (1880) com a música “Poco” (2020) das irmãs gêmeas Tasha e Tracie, com certa atenção voltada à simbologia do “mar” nos textos e intenção de propor uma forma de trabalhar o clássico através de lentes antirracistas, afinal, “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista” (Davis, 1981). Logo, a proposta a seguir é levar em consideração o olhar para a literatura como uma prática artística que, não se resume a ela, mas gera a Katharsis, descrita por Jauss (1979, p. 101) considerando a tarefa das expressões artísticas como função social, servindo de mediadora e legitimadora de normas de ação. Ou seja, a arte como real possibilidade de mudança e afetação na vida de quem a consome, não de forma passiva e simplesmente receptora de informação, mas crítica, estética e transformadora. Essa sugestão de abordagem é baseada no Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993) além de uma revisão bibliográfica de artigos que tratam tanto sobre questões raciais, quanto de ensino. Com isso, intende-se perceber, relacionar e conectar elementos estéticos das obras, atribuindo significados aos textos de forma contextualizada, crítica e significativa, trazendo a literatura ao centro da sala de aula não como estranha, mas como companheira de luta.

## **O NAVIO NEGREIRO SEU RASTRO DE SANGUE.**

O Navio Negreiro (1880), é um poema atribuído à terceira fase romântica brasileira que em geral, relata condições insalubres e desumanas as quais as vítimas trazidas do continente africano foram submetidas. Castro Alves, com sua escrita que não poupa detalhes ao leitor, expõe através da voz do eu-lírico, a indignação sentida ao ser ali, testemunha ocular de tais



cenas. Especificamente na parte V, como este trabalho se propõe a abordar, o mar é um símbolo significativa para a construção das imagens geradas pela escrita de Alves. Como Paz (2012, p. 113) discorre, o poema é capaz de criar imagens que dizem algo sobre o mundo e neste caso, o “mundo” a ser exibido ao leitor, é escravista e colonizado, repleto de crueldade e sem qualquer tipo de olhar humanizado voltado às pessoas negras. Sendo assim, as imagens produzidas a partir da escrita/leitura do poema em questão, perpassa pontos sensíveis de uma história manchada de sangue daqueles povos retirados de seus territórios para serem escravizados em solo brasileiro contra sua vontade.

V

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!  
Quem são estes desgraçados  
Que não encontram em vós  
Mais que o rir calmo da turba  
[...]  
Ontem simples, fortes, bravos...  
Hoje míseros escravos  
Sem luz, sem ar, sem razão...  
São mulheres desgraçadas,  
Como Agar o foi também.  
Que sedentas, alquebradas,  
De longe... bem longe vêm...  
[...]  
A guerra, a caça ao leão,  
O sono dormido à toa  
Sob as tendas d'amplidão!  
Hoje... o porão negro, fundo,  
Infecto, apertado, imundo,  
Tendo a peste por jaguar...  
E o sono sempre cortado  
Pelo arranco de um finado,  
E o baque de um corpo ao mar...  
Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... cúm'lo de maldade,  
Nem são livres p'ra morrer...  
[...]  
Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
Do teu manto este borrão?  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!... (Alves, 1880)



É em alto mar que o poema se apresenta, e é este mesmo mar que, por vezes em outros contextos, me textos de outros autores, se apresenta como símbolo de vida e liberdade, é aqui usado pelo eu-lírico como o centro do questionamento e descontentamento. Em versos como: “(...) Ó mar, por que não apagas/Co’a esponja de tuas vagas/De teu manto este borrão? (...) Varrei os mares, tufão!” (Alves, 1880). A potência simbólica do cenário marítimo para o poema é tanta que estas mesmas palavras se repetem, denotando certa insistência do eu-lírico em entender o inexplicável que se discorre perante seus olhos, e mais que isso, deseja limpar qualquer vestígio de tais atos. O mar aqui então não é apenas um encontro de águas, mas o âmago que guarda o rastro de sangue deixado pelo navio negreiro. Ainda nesta perspectiva, é possível constatar a intensidade da presença deste signo em: “Tendo a peste por jaguar.../E o sono sempre cortado/Pelo arranco de um finado,/E o baque de um corpo ao mar...” (Alves, 1880), que deixa explícito o que era feito com os corpos daqueles que não resistiam às condições de abuso e exposição à doenças físicas e mentais, “Hoje... o porão negro, fundo,/Infecto, apertado, imundo,(...)” (Alves, 1880), tendo seus corpos jogados ao mar, não como um ritual, mas como um despejo. A partir disso, o leitor pode remontar novamente a imagem do mar como um cemitério clandestino, com marcas e corpos abusados que, de alguma forma, seguem eternizados para além de sua morte, através também da literatura.

Partindo destes pontos, analisa-se que, a poesia de Castro Alves mesmo após mais de 140 anos, revela um contexto atual. Os corpos pretos que eram vistos como fortes para suportar a escravidão, são fragilizados e humanizados novamente em sua poesia, o que revela ao leitor seu caráter abolicionista. Se o poema há mais de um século atrás clamava por libertação das vítimas de um sistema tão cruel, pouco avanço se obteve neste percurso. Mesmo após a Abolição da Escravatura em 1888, com a tentativa de convencer a população de que havia uma suposta “democracia racial” (Freyre, 1933), pouco se percebia o atraso em que os afrodescendentes no Brasil se encontravam. Hoje, o povo preto é aquele que continua encarcerado (Anuário de Segurança Pública, 2023, p.284), sendo vítima de genocídio financiado pelo Estado (Anuário de Segurança Pública, 2023, p. 65) e apresentando índice de suicídio maior do que de pessoas brancas (Ministério da Saúde, 2016). Os fatos que ora parecem distantes quando escritos por Castro Alves, podem retornar à atualidade. Para Paz (2012), “o poema tende a repetir e recriar um instante, um fato ou conjunto de fatos que, de algum modo, são arquetípicos. O tempo do poema é diferente do tempo cronométrico. ‘O que passou, passou’, dizem as pessoas. Para o poeta o que passou voltará a ser, voltará a se encarnar” (p. 70). Neste contexto, portanto, o passado e o presente parecem não possuir limites bem definidos. O Navio Negreiro parece, por vezes, estar aqui e agora, habitando de outras formas,



com outros mares. Logo, quando se relaciona dados atuais, a tarefa de usar o clássico em questão para transitar entre o passado e a atualidade revela-se completamente possível.

## VOZES CONTEMPORÂNEAS: O RAP COMO NARRATIVA

Como anteriormente citado no presente artigo, o RAP possui grande influência e relevância no público jovem, servindo como um potencial componente para a realização do Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993). O gênero que nasceu como levante da cultura preta dos EUA é hoje, uma possibilidade de dar voz a grupos minoritários que buscam através da cultura, contar a própria história. E não é diferente com as gêmeas Tasha e Tracie. Mulheres pretas, filhas de pai nigeriano, nascidas e criadas na periferia da cidade de São Paulo, cresceram rodeadas de cultura e referências. Iniciaram a carreira com moda, mas foi na música que conseguiram conquistar seu espaço e hoje marcam presença em grandes festivais como The Town, além de terem sido as únicas representantes do Brasil no BET Hip Hop Awards 2023.

Em meio ao cenário pandêmico das 2020, lançaram a música e o clipe caseiro de “Poco” que, mesmo que de forma intencional, dialoga e até complementa o clássico anteriormente citado e analisado.

Seu muito pra mim é pouco  
Pode ficar com o troco  
Bati na porta por muito tempo  
Hoje eu arrombo  
Esse mundo é muito louco  
Eles acham que não vai viver  
Quem tá morrendo  
Acharam que eu não ia fazer  
Eu tô fazendo  
Jogaram negros e bebês  
Num mar de sangue  
é por isso que existe tsunami  
Almas não têm fim  
Elas tão aqui  
Terremotos e furacões são povos massacrados, sim  
(...)  
Criminaliza e suga a existência ao mesmo tempo  
Empatia só pra vender seu marketê (*marketing*)  
Fala pra mim  
Por mim não fale  
Cês deixa claro que  
Nós é público alvo  
Alvo de bala  
(...)  
Visão turva e amarelo fome  
Maria Carolina morreu pobre  
A culpa é deles e eles sabem  
Por isso não dormem  
Com medo do levante daqueles que não comem (Okereke, 2020)



A canção é inaugurada com versos que confrontam o sistema vigente, seguindo numa linha de raciocínio que expõe problemas como a fome e genocídio. Em “Eles acham que não vai viver/Quem tá morrendo/Acharam que eu não ia fazer/Eu tô fazendo” (Okereke, 2020), a dupla exclama uma voz de resistência. Se anteriormente foi lido que eram os corpos negros que foram deixados para morrer, neste outro momento é possível captar que é esse mesmo povo, por mais que esteja em meio à opressão, que ainda resiste, faz, cria e são autores de uma cultura viva e permanente, “Almas não têm fim/Elas tão aqui” (Okereke, 2020).

Em seguida, a música revela uma imagem familiar: o “mar de sangue”. Ao citarem este símbolo, uma narrativa se inicia a partir disso, notabilizando os corpos de “negros e bebês” que nele foram jogados. As cantoras não param por aí, pelo contrário; o fato destes versos estarem logo no início da música, denota uma ordem de acontecimentos dos fatos que não estão independentes entre si, mas que possuem uma relação de causa-consequência.

Desde desastres naturais como “terremotos” e “furacões”, até problemas sociais como pobreza e fome, relacionando até mesmo a personalidade de Maria Carolina de Jesus. Em “Visão turva e amarelo fome/Maria Carolina morreu pobre/A culpa é deles e eles sabem/Por isso não dormem/Com medo do levante daqueles que não comem” (Okereke, 2020), além de reafirmarem o apagamento sofrido pela escritora que, mesmo tendo sua obra conhecida, faleceu em condição de pobreza. Todavia, os versos nunca se deixam acabar pelo lado dos vencidos, a lírica explícita em sua mensagem que existiu um causador para tudo isso: o tráfico de africanos arquitetado por homens brancos, um massacre que não se limita ao mar, mas em outros cenários, através de outras armas: “Cês deixa claro que/Nós é público alvo/Alvo de bala” (Okereke, 2020). Por mais que com frequência a música resgate dores atemporais causadas à população afrodiáspórica, a volta à condição de resistência é sempre presente, afirmando que sim, o sofrimento e a opressão existem, mas enquanto houver vida, haverá luta. Mesmo que “eles” não queiram, ou tenham medo.

## **QUANDO O PASSADO E O PRESENTE SE ENCONTRAM: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO ATRAVÉS DO MÉTODO RECEPCIONAL.**

O Método Recepcional, caracteriza o texto como resposta para uma questão. Ou melhor, como resposta geradora de outros questionamentos. Sendo assim, a leitura aqui é uma atividade fomentadora de diálogos e questionamentos. Os autores do método aduzem com clareza o papel daquele que lê como importante agente para dar continuidade à relevância do texto, agregando-o, novos significados a partir de sua visão de mundo. Aqui, a leitura tem um papel emancipatório, que considera a experiência estética do texto juntamente àquilo que é vivido.



Outra carga importante do método de Bordini e Aguiar (1983, p. 29) é o estabelecimento dos horizontes de expectativas do leitor, fator com o qual o professor terá de lidar durante sua aplicação. Ou seja, primeiro o professor deve atender o que o estudante tem com expectativa, para posteriormente apenas, questionar estes horizontes. No caso, a canção “Poco” poderia ser um contemplador de tais expectativas, pois como foi citado anteriormente, o RAP hoje é relevante e familiar ao público mais jovem.

Considerando tais ideias, seguindo o método, primeiramente o professor poderia em sala, pedir para que os alunos falassem de referências negras na música e literatura; quem são estes artistas? sobre o que eles escreviam/escrevem/cantavam/cantam? quais temática permeiam majoritariamente estes cenários? A partir deste questionamento, com as referências dos estudantes em mente, o professor apresentaria a canção sugerida orientando os alunos a pensarem sobre: a) a presença de elementos estéticos e símbolos b) cronologia de fatos (se eles percebem este recurso) – passado escravocrata e presente consequencial e c) quem a música em questão representa ou não e por qual razão.

Com base nos dados e constatações levantadas pelos alunos, o professor poderia dividir uma breve análise da canção, destacando os pontos já citados anteriormente no presente artigo juntamente à visão dos alunos, tendo sempre em mente a valorização da cultura negra e sua estética, procurando estabelecer a sala de aula como ambiente antirracista antes de continuar a discussão.

Em seguida, seria então apresentada a parte V de O Navio Negreiro de Castro Alves (1880). A leitura neste caso poderia ser preferencialmente feita em grupos, considerando o teor da obra que apresenta vocábulos que podem soar estranhos aos ouvidos dos alunos mais jovens. Desta vez, os estudantes devem, a partir dos questionamentos passados, questionarem as ideias apresentadas pelo poema em destaque no momento sendo orientados a relacionarem-no à atualidade. Perguntas como “quais os ‘navios negreiros’ de hoje?”, “quais consequências podemos testemunhar sentir?”, “o que a música, em sua contemporaneidade, nos revela sobre os fatos presentes no poema da terceira fase romântica?”, “qual o papel do mar e o que sua representação estética nos diz a partir de sua leitura?”, “é possível criar imagens e representações a partir do texto?” etc. podem contribuir para uma análise estético-literária do texto em questão à medida que familiariza o leitor que, agora, possui uma bagagem e um olhar mais crítico sobre a temática. Em sequência, o professor pode também contextualizar a escrita de Castro Alves, apresentando à sala informações sobre a terceira fase do romantismo, relacionando suas características ao poema e contexto histórico, político e social da época,





destacando seu cunho abolicionista, dando abertura para, também, mencionar sobre sua escrita, sintaxe e forma.

A esta altura, talvez, a literatura dita como “erudita” esteja mais achegada ao público jovem, considerando um cenário em que a introdução de um dos poemas mais clássicos da história da literatura brasileira é inserido de forma que entenda quais relações tal obra tem com o cenário atual, fazendo conexões com o que já é comum ao aluno e valorizando olhar do sujeito pois,

“O método é, portanto, eminentemente social ao pensar o sujeito em constante interação com os demais, através do debate, e ao atentar para a atuação do aluno como sujeito da História.” (Bordini e Aguiar, 1993 p. 32)

Finalmente, como conclusão e atividade avaliativa, poderia ser proposto aos alunos a escrita de um poema que relatasse questões que permeiam os conflitos raciais advindos do processo de escravização. A atividade tem a intenção de fomentar a criação estética dos alunos e denunciar dentro da sala de aula casos de racismo testemunhados ou até mesmo sofridos pelos sujeitos com base nos textos previamente lidos. Essa é uma oportunidade para que os estudantes enxerguem a arte como denúncia, como um espaço para viabilizarem as próprias vozes e ouvirem uns aos outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as ideias expostas no presente artigo, revela-se urgente o ensino de uma literatura que não afasta, mas se conecta ao aluno e considera seu contexto social, histórico e racial. Como diz Sérgio Vaz (2023), “Se a literatura quiser chegar aos pés do povo, é ela que deve comer com a mão, andar descalço e pedir licença.”. Nesta perspectiva, o professor pode ser aquele que vai encontrar meios para que ela esteja em meio à sala de aula, aos pés de seus alunos, de forma acessível e acolhedora, tendo olhar também para questões raciais, enfatizando o letramento racial e o lugar de fala de cada sujeito e sua visão de mundo, valorizando as produções de artistas contemporâneos, dando oportunidades à novas vozes dentro da sala de aula, compreendendo também a produção textual autoral como uma oportunidade de externar ideias e questionamentos. Contudo, professores formados ou em formação devem se propor a estarem sempre em desenvolvimento de projetos e ações que transformem a escola num espaço de luta, tendo como guia o Método Recepcional, que valoriza este papel do sujeito em sua leitura-produção.



## REFERÊNCIAS

Alves, Castro. **O navio negroiro.** Disponível em: <  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1786](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1786)>

Aguiar, Vera Teixeira; Bordini, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.  
Davis, Angela. **Mulheres, raça e classe.** 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016.

De Andrade, Elaine Nunes (Org.). **Rap e educação, rap é educação.** Selo Negro, 1999.

**Fórum Brasileiro de Segurança Pública.** 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

Freyre, Gilberto. **Casa-grande & senzala.** 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Hooks, Bell. **Teaching Community: a pedagogy of Hope.** Routledge, 2003.

Jauss, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e *Katharsis*. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

**Ministério da Saúde.** Óbito por suicídio entre adolescentes e jovens negros. 2016.

Okereke, Tasha e Tracie. **Poco.** Altafonte Network S.L. (em nome de Ceia Ent.): São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uO4iqKODGzk>>. Acesso em: 01 set. 2023.

Paz, Octávio. **O arco e a lira.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Vaz, Sérgio. Fala em palestra. Disponível em <https://www.youtube.com/live/6WIb6ZsZrB8?si=yGLIuonVHroXS5hM>. Acesso em 19 de outubro de 2023.

Zilberman, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, nº14, p. 11-22, Dez/2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>